

portunidade de iluminar a sua estrada e divisar todas as maravilhas ocultas, egoísta e cuidadosamente pela outra metade do gênero humano.

E, por falar em luz, até parece que Deus errou, criando o sol para todos. Este astro camarada, qualquer dia nos põe a todos na sombra, ou nos deixa às escuras.

Que seria a vida, Mestra Amiga, se, nesta pasmaceira, em que nos debatemos, apesar de tudo sorrir às Mulheres, não houvesse, de quando em vez gestos sinceros, atitudes heróicas?

O Brasil é mesmo, de verdade, a terra dos poetas, dos heróis e dos cavaleiros andantes!

E nós, as que lutamos a mais nobilitante das lutas, para a conquista do pão de cada dia, sentimo-nos confortadas, diante desses gestos.

Eu sorri, pode crer, sorri e bati palmas, por ver os nossos direitos tão bem defendidos.

Nós, as que não temos braços, nem cérebros masculinos, para nos sustentarem, fatalmente, teremos da Nação, que é sempre Mãe carinhosa, uma pensão ou coisa equivalente.

Não pensa comigo?

Demo-nos os parabéns e recolhamo-nos, calmamente à casa, confiantes no zelo dos paladinos da nossa causa, em os nossos grandes amigos do sexo forte e camarada.

Com amizade,

Maria da Ilha.

---

**Nota:** Maria da Ilha. "Bilhete sem sê-lo". É dedicada esta crônica à D. Leopoldina d'Ávila, residente nesta capital. República, 12 de abril de 1934.

As conquistas, o progresso, tudo quanto procura fugir ao que a Rotina solidificou, sofre, agora e sempre, o ataque impiedoso das pedradas infelizes dos maus.

Dizemos maus, porque é maldade não querer convencer-se de que cada minuto marca um passo na evolução dos povos, e que, para todas as tarefas, se precisa de energias novas, de entusiasmo novo e de bondade infinita.

Viver é evoluir; é procurar ascender, realizando o máximo de harmonia entre as criaturas, de modo que haja pão para todas as bocas.

Cada um de nós tem a obrigação humana de ser operário do futuro.

É indigno de criatura superior deixar-se arrastar imbecilizada, no grande turbilhão.

E a evolução, essa marcha progressiva dos povos, não há barreiras que a possam vencer. Ela avança, indiferente aos ataques, sabe contornar as dificuldades e vencê-las, forte e impiedosa.

Debalde gritarão os conservadores. A humanidade não retrocede e os fatos não se modificam.

Há como que um determinismo superior e irremediável ao qual os homens obedecem, insensivelmente, fatalmente.

As grandes metamorfoses sociais, morais ou religiosas, sem saltos da natureza, não se operam, senão quando os povos delas necessitam ou estão aptos para nelas se integralizarem.

Cristo apareceu, justamente, no instante em que as massas cansadas da barbaria e das iniquidades da História Antiga, necessitavam de novas forças, novos entusiasmos, para seguirem novos rumos, para alcançarem novas conquistas.

Assim, não é absurdo que tudo quanto satisfizes as criaturas do passado e chegou a dar-lhes o máximo de felicidade, dentro da infinita relatividade da vida, não satisfaça as criaturas do presente.

A vida tem de ser isto mesmo. Para que haja progresso, é preciso que haja incontentabilidade.

São os irracionais e os domesticados são, no panorama vital, os eternamente contentes e conformados.

Acode-nos, então, à mente a pergunta que deve existir em todo cérebro feminino, neste momento:

Que seremos nós, as Mulheres? Irracionais ou domesticados?

Porque esta questão de inteligência e aptidões femininas, era em foco, se resume, digamos de passagem, em classificar a Mulher entre as criaturas superiores ou entre irracionais.

Se ela é um ser superior, tem o direito líquido de agir, pensar, trabalhar, ser indivíduo.

Se não é superior, que se contente em viver à sombra, na cômoda, mas degradante situação de parasita, pois que a decantada maternidade é missão e não profissão.

Não somos feminista, se se entende por feminismo a aspi-

ração política, cigarro à boca, etc.

Daí não nos poderem julgar despeitada.

A Mulher teve, até há pouco, as regalias de bibelô caro, de qualquer coisa quebradiça e de alto preço, para a qual todos tinham olhares, sorrisos, gestos e atitudes protetoriais.

É isto que está agonizando e querem reviver.

Foi a esse ridículo que roubaram a Mulher.

Não discutimos direitos. Apontamos necessidades, a coisa única que tem poderes discricionários sobre todos os seres.

Se a evolução mental do nosso povo não aceita ainda a Mulher, como indivíduo, não lhe pode negar a necessidade, que tem todo vivente, de comer.

Os irracionais trabalham, lutam para a conquista do seu alimento. E a Mulher? (Porque tudo não se resume no vestido, como erroneamente, se pensa.)

Inferior aos próprios irracionais, doméstica e domesticada, se contentará, eternamente, em constituir a mais sacrificada metade do gênero humano?

---

Nota: Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". República, 15 de abril de 1934.

Unindo, como um elo de infinita doçura, o humano ao divino, está, dentro da vida, a arte.

Ela deifica as criaturas e lhes eterniza a memória, zombando de todo o profundo silêncio que a Morte espalha sobre os que toca.

Os agraciados com o fogo sagrado do gênio, os que conseguem exteriorizar um pensamento de arte, os que cristalizam um sonho de beleza sentida, vivificando-o numa palavra, num vaso, numa frase, numa tela, num monumento, esses gozam do prêmio ou do castigo da imortalidade.

Passaram-se os dias, rolam os anos, contam-se séculos, sucedem-se as gerações e eles continuam vivos e palpitantes, despertando sensibilidades, dulcificando, amenizando a tristeza da caminhada e enganando o desejo de saber:

"em que fonte se mata a sede de ser feliz".

Tudo isto nos faz lembrar a passagem do primeiro centenário do grande poeta das Três Irmãs.

Morto, há vinte e quatro anos, desperta ele, ainda hoje, como ontem, a admiração dos que o ouvem:

"... o olho está lá: — caminhemos:  
Sobe, meu sonho, sobe; eu bebo um novo alento,  
Cada vez que te agarro, e digo: chegamos".

Luis Delfino na Imortalidade, com a coroa dos vitoriosos, tecida por "sonhos somente e palavras", a riqueza que,

segundo dizia, lhe enchia as mãos.

Mas estes sonhos e a estas palavras ele emprestou a graça, a beleza, a perfeição da sua alma de eleito, dando-lhes o brilho e o valor da sua requintada sensibilidade.

Convicto de que seu eterno trabalho era carregar o seu sonho, poetou durante toda a existência.

Nem mesmo o avanço da idade lhe roubou da alma a beleza do verso.

Singular, entre os poetas, este perdulário da Forma e do Belo, não teve nunca a preocupação de um livre, ou segundo Jorge Abreu, queimou-a na fogueira em que arderam os quinhentos sonetos que constituiriam a Imortalidade.

Despreocupada e nababescamente disseminava as jóias do seu pensamento pelos jornais e revistas.

E cada verso que lapidava, era uma pedra para o próprio e alto monumento de glória que escalou, insensivelmente, e onde se colocou para a glória da sua terra e admiração dos que, conhecendo-lhe o copioso labor, louvam como o poeta

"Torce, aprimora, alteia, lima.  
A frase; e, enfim.  
No verso de ouro engasta a rima,  
Como um rubim".

---

Nota: Maria da Ilha. "Luz Delfino". *República*, 25 de agosto de 1934.

Não basta às criaturas, existir. É preciso sentir a existência e saber vivê-la, procurando conhecer, avaliar e compreender toda a infinita beleza que ela encerra.

Não basta viver. É preciso impregnar a vida de vida, de ação construtora, de entusiasmo, de ideal.

Os que se arrastam pela existência, nulificados pelo egoísmo, imbelicizados, domesticados pelo servilismo, são, dentro do panorama humano, sombras que se movem, caricaturas que os fados, num momento de bom humor infeliz, criaram, e vivificaram, mas não são criaturas.

Na acepção perfeita da palavra, os homens são os que fogem das estagnações, da monotonia da planície, onde a uniformidade dos dias e do panorama desperta o fastio, mas procuram construir, ascender, subir, subir mais, para mais ver e melhor sentir a beleza triunfante dos horizontes dilatados.

Às caricaturas humanas, basta a materialização nefasta, hedionda, amarela, metálica, em que se debatem, em que se engalfinham, em que se estiolam, onde se entredevoram, num desejo infinito de aniquilamento recíproco.

A existência impõe a cada criatura, a realização dum soberbo destino: ser humana, isto é, ser indivíduo, ser senhor, dentro dos limites de sua individualidade, com o máximo respeito pela do próximo.

E, para que se consiga concretizar toda a profunda beleza delineada, precisa-se de entusiasmo, do entusiasmo são, alegre, vibrátil das almas moças; do entusiasmo capaz de resistir a toda maldade do passado, toda a onda avassaladora de palavras e ações derrotistas dos domesticados.

É preciso avançar, dentro da vida, montanha acima com a ousadia dos fortes, dos desassombrados, sem mais ouvidos que ao Ideal que lhe canta no coração.

Sem entusiasmo, diz Ingenieros, não se pode servir a formosos ideais.

E haverá ideal mais formoso que procurar conservar-se, existência em fora, superiormente, humanamente, trabalhando pela perfeição pessoal, base da perfeição coletiva?

No estado putrefacto em que se encontra a grande sociedade de caricaturas, não basta aos que desejam realizar a escalada, embora com a certeza de jamais alcançar o cimo, somente o entusiasmo.

O triunfo do pouco que se sabe, é, sempre, alcançado graças a infinitos golpes de audácia, a rasgos de coragem e de altivez.

E, nestes gestos com que os humanos, elevando-se, se distanciam dos pseudo-humanos, não se veja rebeldia, revolta, mas a valentia admirável de realizar, concretizar, viver a vida de homens, ainda que o neguem todos os que, jungidos a um egoísmo deprimente, a uma egolatria tremenda, integralizam o infinito rebanho dos doentes morais, dos domesticados, vergonhosas caricaturas humanas.

---

Nota: Maria da Ilha. "Homens e caricaturas". **Correio do Estado**, 13 de setembro de 1934.



A alma da mulher catarinense neste instante de intensa vibração cívica, deve sorrir, diante da sua magna conquista.

Não se julgue precipitada a nossa afirmativa.

É que a mulher barriga verde, cujo civismo tradicional tem empolgado gerações, saberá dar o seu voto ao Partido que, vencendo preconceitos arcaicos e tolos, procurou integrá-la na sua própria individualidade.

E não pode deixar de ser assim.

Nesta época de evolução mental, quando dentro do Brasil e em particular em o nosso Estado, se goza duma liberdade tão ampla, tão integral que nos obriga a todos nós a bendizer a vida e sentir que vale a pena vivê-la nesta época de evolução mental, quando se desdobra, sobre todos os brasileiros, uma linda bandeira de igualdade, por que se negarem direitos a quem os tem?

A mulher brasileira deve ao sopro revel que despertou a alma brasileira e levantou a Nação, naquele célebre três de outubro, a sua carta de liberdade.

Foi a Revolução quem fez da Mulher brasileira o indivíduo que ela é hoje; foi a Revolução quem deu à Mulher o direito de ter cérebro, de deixar de ser sombra de criatura, para ser a própria criatura.

Todas estas conquistas lindas de igualdade e progresso, todo esse panorama lindo de aptidões a se desenvolverem, num desejo sensato de se aproveitarem capacidades e inteligências, que o passado repudiava, num desperdício imperdoável, tudo isto de grande, de soberbo, de conquistas individuais, desfrutadas, presentemente, pela Mulher brasileira, é fruto da semente lançada pelo ideal daquele célebre três de outubro.

Não há leis, não há barreiras para a evolução.

Embora se grite, embora se neguem direitos, embora se queiram levantar as pedreiras da conservação de tolos preconceitos, a humanidade, indiferente, marcha, avança para realizar o seu destino glorioso de ascensão.

E não serão as mulheres catarinenses que não se sentirão feridas, no seu amor próprio, nesta época, em que seu voto pesa na balança dos destinos da coletividade, vendo que sufraga e não é sufragada.

A igualdade, aquela igualdade de direitos é uma verdade ou não passa de mito?

Por que se negar a quem elege o direito de ser eleito?

Os governos, dentro desta nossa República Nova, dentro deste nosso Brasil redimido, não são mais aristocráticos.

É preciso que cada classe, para conseguir realizar seus destinos, tenha, nas Assembléias, os seus representantes.

A não ser assim, a República não teria realizado a sua finalidade democrática, de ser do povo e pelo povo.

Em Santa Catarina, neste instante, cada mulher deve perguntar-se, conscientemente: com quem votarei?

Com o Partido, onde a igualdade é fictícia? Com o Partido, onde a igualdade é um fato concreto?

Mulheres catarinenses, por vós e para vós, meditai: na chapa do Partido Liberal, há um nome feminino que a integra.

---

**Nota:** Maria da Ilha. "Enfim!". **República**, 13 de outubro de 1934.

Não se compreende a vida de povos civilizados sem imprensa.

E isto, porque o jornal é uma alta tribuna do povo, que só devem ocupar os que sentem e compreendem a dignidade deste mesmo povo. Porta-voz das causas que exigem Fé e nobreza de atitudes, o jornal deve ser o espelho da Sociedade, cuja vida ele focaliza e orienta, passo a passo.

Cooperador de todos os educadores, representa, na da vida coletividade, um papel de alta relevância, por isso que as instrui, educa, orienta, alargando-lhes os conhecimentos, abrindo-lhes os horizontes, possibilitando-lhes, alcançar, sempre, um pouco mais, dentro do muito que sonhara, e cuja concretização integral é o ponto centrípeto em todas as caminhadas, ainda as mais diversas.

Se instrui e educa, seu norte deve ser a Justiça. Se instrui e educa a sua clarinada deve ser de Luz e de Progresso.

Assim, o jornalista não incensa, não bajula, não rasteja, não tem espinha flexível, não desce à lama, mas, também, não denigre reputações, não mente, não enodoa nomes, não semeia ódios, não apedreja inocentes, não se deixa cegar pelas paixões pessoais, nem vive o sadismo dos inconoclastas; não destrói o bem, não macula, não mata o Ideal, não se mercantiliza, mas preserva as coisas boas, mas constrói, mas respei-

ta cada indivíduo, como parcela de uma coletividade, mas estimula o que ainda pode sonhar, mas reage contra a própria maldade, para ser luz, nos caminhos alheios.

E o que assim não agir, o que não tiver a elegância e a coragem de se impessoalizar, quando no sacerdócio do jornalismo, desrespeita-se porque mente ao povo, mentindo às finalidades do seu mister. É um desajustado. Como conduzir povos ou mostrar rumos a outrem, se não encontrou o seu?

Os moços que são todos os que têm Esperança no amanhã, sempre melhor; os moços, que são todos que ainda, não perderam a Fé na Humanidade, embora sintam e vejam que os homens, de vez em quando fazem da lama a sua grande atração; os moços têm a grande responsabilidade do futuro.

Prepará-lo é obra do Presente. E o jornal é a alavanca poderosa, inestimável e indispensável.

Mas só as boas sementes dão bons frutos. Só os homens de bem podem evangelizar, dentro do Direito, da Razão e da Justiça.

Que cada mesa de jornalista seja um altar, onde, diariamente, e religiosamente, pela magia do pensamento objetivado, se sacrifique o homem, para a grandeza da coletividade que ele encarna e a cujo coração deve unificar-se o seu!

Que cada jornalista tenha a virtude e a sabedoria de, para não mentir ao seu sacerdócio, imolar-se, por amor do Bem, e da Verdade e da Justiça, afim de que, nos amanhãs, possa receber a gratidão e as palmas que, nunca, faltam e, jamais, faltarão aos que, com dignidade, sabem cumprir o seu dever.

---

**Nota:** Maria da Ilha. "Falando aos moços (aos redatores de O Idealista)". O Idealista, junho de 1945.

Todo o bem moral que uma sociedade gozar, é reflexo das forças dos indivíduos que a compõem.

Dentro da vida, há, pois, o imperativo do cultivo das forças morais, para a conquista consciente das migalhas da Felicidade, com que nos presenteia a caminhada.

Mas este cultivo exige disciplina, que é a vontade em ação.

Quando falamos em disciplina, longe estamos de pensar em passividade, que é a anulação de todos os princípios de dignidade, necessários a cada criatura.

Queremos a disciplina consciente, aquela, que é o mais belo fruto da conquista do indivíduo sobre si mesmo, pelo poder da vontade.

Queremos o respeito à individualidade do próximo, pelo conhecimento perfeito da própria individualidade.

Queremos a ação circunscrita a esses princípios morais.

Em disciplina consciente, há a compreensão do dever e da ordem, base propícia para a harmonia social.

A família e a escola, sociedades primeiras em que o homem vive, não podem prescindir de seu concurso.

Nestas sociedades, responsáveis pelo homem de amanhã, o que significa dizer pelo futuro dos povos, disciplina é uma espécie de cinzel e buril, com que os educadores desfazem as

infallíveis arestas anímicas, possibilitando às criaturas um perfeito entendimento, sem os choques que pisam e maltratam.

Nela convergem, para neutralizar-se, todos os interesses, diversos e múltiplos, dos componentes de um grupo, para um bem maior deste mesmo grupo.

Sem ela, é inócuo o esforço dos que trabalham, o Presente, o Futuro, porque lhes falta apoio e força, para chegar às alamedas anímicas, onde o seu exemplo e a sua palavra serão luz e calor, vivificantes; sem ela, os educadores não alcançarão a plenitude das bases necessárias a uma caminhada segura, sem tropeços e cotoveladas.

Na conquista de si mesmo, a criatura registra a mais nobre e a mais bela porque a mais difícil, das conquistas, numa esplendente afirmação de personalidade.

O futuro é dos moços.

A indisciplina vira o caos e não é caminho para a educação.

Urge, pois, que os educadores preparem o caminho dos educandos, para lhes evitar acúmulo de evitáveis aborrecimentos, desanuviando-lhes, tanto quanto possível, o horizonte.

Urge que os educadores lhes aparem as arestas, despertando-lhes o sentimento do dever, por meio duma disciplina consciente.

Urge que nem ingratidão, nem má vontade, nem a possível maldade sejam capazes de arrefecer o entusiasmo dos que fizeram do futuro das Pátrias, o objetivo de sua caminhada.

Que todos encontrem por meio da disciplina, que é o conhecimento das veredas em ascensão, o lado das cousas elevadas, sem acotovelamento, sem maldade e sem tropeços.

Que se empenhem todos, com fé, nesta realização, porque só duma juventude, conscientemente, inteligentemente, disciplinada — educada, sem servilismo, portanto — se podem esperar, no futuro, os dias de glória a que têm direito as pátrias.

---

**Nota:** Antonieta de Barros. "Falando aos Moços". O **Idealista**, agosto de 1945.



Hã, na vida das criaturas, um caminho reto que as leva ao progresso, pondo-lhes em relevo a dignidade.

Esse caminho não é sempre de flores, nem de sombras, porque é de ascensão. E as palavras são, quase sempre custosas.

No entanto, por ele, o homem realiza-se, aprende a viver, verticalmente, e conhece o valor real das coisas que conquista, porque, em todas, há o suor do próprio rosto.

Este caminho é o que o trabalho ilumina, o que o trabalho rasga, o que o trabalho alicerça e constrói.

Não o trabalho sob pressão, não o trabalho do escravo, não o trabalho que se apresenta como uma maldição, mas o trabalho consciente, mas o trabalho livre, mas o trabalho que surge, como imperativo da nossa condição de humanos, para nos encher de nobreza e majestade a trajetória.

É que só o trabalho dá ao homem, a possibilidade e o direito de viver a vida, sentindo-se a criatura digna de vivê-la.

Não se compreende a existência, dentro do prisma da inatividade e da improdutividade.

Daí, todo aquele que não cumpre o imperativo genesíaco do Comerás do suor do teu rosto, ser menos do que as cousas, porque lhe falta o princípio de ação, para que foi criado.

Assim, embora se diversifiquem as estradas, irmanam-se pelo trabalho, todos os que realizam o esforço, para a conquista

ta do Bem, todos os que, conscientemente, praticam uma ação que vise à felicidade do próximo.

O trabalho é a fartura, é bênção, é alegria, é oração!

É o homem a eternizar-se, anonimamente, no Bem, no Conforto, nas migalhas de Felicidade, que conseguiu reunir, contribuindo, para embelezar o próprio caminho da coletividade.

Só ele desvenda para cada um de nós, o encanto dos horizontes azuis da independência moral e econômica.

Por ele, concretizam-se os sonhos mais alevantados e dão-se à vida o esplendor e a poesia de que precisa, para ser plenamente vivida.

Há um delicado e harmonioso poema de ternura que identifica e unifica o gesto do que semeia; do que maneja as ferramentas; do que movimenta e dirige as máquinas; do que empunha o livro; do que dirige o lar; do que vigia e guarda a integridade do solo e defende a vida da Pátria, na pureza das tradições e do respeito às leis; do que procura roubar ao homem o amargor do sofrimento; do que fixa um pensamento de arte; e na bondade do que ensina a ver Deus, no seu semelhante.

Este poema vivido, cada dia, com o mesmo entusiasmo, com a mesma emoção, com a mesma consciência, não desmerece, nunca, na sua extraordinária beleza de simplicidade, nem no seu infinito valor, porque, por ele, mais se firma, e eleva, e sublima a força moral, que é a nossa própria dignidade, e que nos permite viver de pé, agir de pé, e, ainda, cair de pé! ...

A dignidade do indivíduo é a dignidade da Família. E, sendo a Pátria a Família amplificada, no dizer feliz de Rui, façamos de nossa caminhada uma dignidade em ascensão, trabalhando, e realizando, e construindo, e aperfeiçoando, em cada

momento, a Pátria, com que a bondade do Senhor nos presenteou.

E orgulhosos da tarefa com que o destino nos premiou, dando-nos, para berço nosso extraordinário Brasil, trabalhe-mos, com carinho, devotadamente, no sentido de dar à Pátria Brasileira, maior grandeza e eternidade esplendorosa!

E, agora e sempre, cérebro e coração, pensamento e ação, coesos, unos indivisíveis, com Deus, para o Brasil e pelo Bra-sil!

Maio de 1946.

---

**Nota:** Antonieta de Barros. "Falando aos moços". O **Idealista**, maio e junho de 1946.

Agitam-se os idealistas por um Brasil mais perfeito, er-  
guendo a bandeira da alfabetização do adulto.

E nós que fizemos do alto problema da educação, neste re-  
canto da grande Pátria, o objetivo da nossa caminhada, ficamos  
a pensar nos pontos deste sonho a concretizar-se.

E perguntamos a nós mesmos: bastará alfabetizar?

Parece-nos que não. A alfabetização é muito, mas não é  
tudo.

Dar ao indivíduo riquezas, sem lhe dar as possibilidades  
de se utilizar delas, é mais doloroso do que deixá-lo na misé-  
ria.

As escolas de alfabetização do adulto não podem cingir-  
se ao plano minúsculo — para o agigantado da vida — do apren-  
der a ler e a escrever.

E não podem, porque dentro de qualquer prisma, a escola  
primária é sempre, a célula, a base, o princípio, para a per-  
feição do microcosmo social.

Que se dê aos nossos irmãos adultos, órfão da mais so-  
berba das riquezas, a chave do Tesouro, mas que se ajude a  
cada um deles, dando-lhes os conhecimentos da maneira, porque  
devem utilizar-se desse Tesouro, em benefício próprio e da  
coletividade.

Abramos escolas não só com o fito de ensinar a magia do abc, mas compenetrados da importância desses santuários, onde a alma, forçosamente, tem de lapidar-se, e melhorar; onde os sentimentos individualistas têm de diminuir e esbater-se, onde a criatura, pela consciência do limite da individualidade própria contribui para uma felicidade coletiva maior.

Só assim, a escola, ainda, salvaria, porque educaria, também, no sentido social da vida, e estaria integrada na sua verdadeira acepção.

A escola do saber ler e escrever é uma bênção incompleta.

E nós que, num gesto fraterno e patriótico, vamos ao encontro de nossos irmãos, cuja cegueira intelectual não permite vislumbrar os panoramas que o saber contém, nós não podemos deixar em meio, suspensa, a bênção que é imperativo do coração.

Assim, abramos escolas, verdadeiras oficinas, onde cada um aprenda a utilidade da maravilha do saber ler, manejando-o conscientemente, para a felicidade do Brasil, unido, livre e cada vez maior, no valor moral e intelectual dos seus filhos.

---

**Nota:** Antonieta de Barros. "Falando aos Moços". *O Idealista*, maio e junho de 1947.

"Cada qual, livremente, faz o seu preço, alto ou baixo, e ninguém vale senão o que se faz valer. Taxa-te, pois, livre ou escravo. Isto depende de ti".

Epícteto

Estava a ler Máximas e Reflexões, e fiquei a pensar na alta verdade contida nas palavras que epigrafam estas linhas.

Refletindo no modo de cada um, livremente, fazer o seu preço, veio-me, cristalina e iluminada, uma outra interpretação do espírito divino — Ama o próximo como a ti mesmo.

Sempre entendi que as palavras do Messias encerravam a ordem de se estender ao próximo, a integridade do alto e sublimado amor com que toda a criatura ama a si mesma.

Na minha santa ingenuidade idealista, chegava a crer que os homens, fosse qual fosse o seu comportamento para com o próximo, guardavam e nutriam para consigo mesmos, um profundo sentimento de estima.

A ordem de Jesus indicava um mundo cor-de-rosa, resguardado por um céu sem nuvens, onde os caminhos não teriam pedras e seriam iluminados pelas bênçãos de verdadeiro sol de fraternidade.

Seria um mundo sem Caim.

E, porque assim acreditava, pensava que todos os egoísmos, e choques que marcam as criaturas, na luta dentro da

grande sociedade humana, nada mais eram senão desobediência à palavra do Senhor.

Assim, até ontem, entendi o princípio divino.

De vez em quando, a mim mesma me perdia em interrogações aflitivas: Por que os homens não se estimam como irmãos? Por que todos não têm a felicidade de se mostrarem bons, de não se deixarem fascinar pelas riquezas ou honrarias, de estenderem, sem hesitação e com lealdade, as mãos a quem as pede? Por quê? Por que o sentimento de humanidade é tão profundo em certas criaturas que, na fartura, têm sensibilidade, para compreender a angústia e os anseios de fome dos miseráveis, tão profundo que enchem a sua caminhada de árvores, sob as quais se agasalham os cansados, os doentes, os velhos, os infelizes, enquanto em outras só se encontra a falência de todas as belezas anímicas? Por que se perseguem? Por que se aniquilam? Por que se negam, como criaturas?

Dentro destas cogitações, sentia que o mundo estava errado e a palavra do Cristo era letra morta, nesta civilização que se apelida cristã.

Não concebi, nunca, que, subestimando o próximo, estava o homem a subestimar-se a si mesmo.

As minhas reflexões sobre a Máxima de Epícteto levaram-me a um outro rumo.

Está tudo certo e perfeito.

A palavra do sábio escravo estóico fez-me olhar a palavra de Cristo, sob outro prisma.

O quid divino em certas consciências está tão asfixiado pelo peso das forças morais negativas, que falta ao homem sensibilidade, para conhecer o mal que fez, pelo aviltamento e subestima em que se colocou.

A sua alma forrou-se de tal jeito de maldade, que a doçura do Bem e a luz da Justiça não conseguem atingi-la.

E, porque só se pode dar o que se tem, no comportamento de cada um para com o próximo, está a revelação do grau de estima e de amor que o indivíduo tem para consigo mesmo. O que tripudia sobre os pequenos é porque se tornou insensível aos pés que o machucam; os que não respeitam os direitos legais ou morais de outrem, são acomodaticios e não reagem, com dignidade, quando negam os seus.

O chefe que, no subordinado, não respeita o indivíduo, não tem coragem, para se sentir um HOMEM, diante dos superiores. E o que tem o despudor de perseguir, de rastejar, de bajular, de mentir, de trair, de caluniar, beija, com facilidade, a mão que o maltratar e não vislumbra, neste gesto, a própria morte moral.

Eu estava errada.

A palavra que Cristo impõe é uma revelação, um retrato perfeito do nosso mundo interior.

Todos aqueles que negam, pelo seu comportamento, o conhecimento da mais linda das doutrinas, neste arrastar-se pela existência, taxam-se escravos e gritam pelas ações em que se patenteia a tenebrosa fealdade das suas vielas anímicas, o seu baixo preço.

Falta-lhes tudo, para serem alguém, porque subestimando-se, negam-se a si mesmos, o esplendor da dignidade humana.

Todavia, nem por isto, deixam de cumprir o preceito do Mago das Bem-aventuranças, porque, dando o que possuem, amam o próximo, como a si mesmos.

---

**Nota:** Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". O Estado, 11 de março de 1951.



Nestes nossos maravilhosos tempos de Paz e Harmonia, pregadas e concretizadas, li, numa das folhas da terra, a notícia da anulação do Concurso de Ingresso e Remoção ao Magistério.

Dentro de mim, uma névoa de tristeza e mágoa foi crescendo, crescendo e se adensando, até dominar, por completo, todo o meu mundo interior. Era a simpatia devida à professora que, ainda não morreu em mim, aos colegas, cujo caminho um decreto governamental fechou.

Não discutimos o acerto ou o erro da medida. Da legalidade ou ilegalidade do ato só poderá falar a JUSTIÇA, que, talvez, por ter os olhos vendados, conhece melhor os direitos humanos.

Não discuto o fato, pela sua crueza.

O que me aterrou e entristeceu, foram as conseqüências psíquicas deste soco brutal do Destino, na alma inexperiente dos jovens professores; foi pensar nos momentos amargos de desalento, na aridez do desencanto, por que acabava de passar um punhado de moços, quando tentavam concretizar um sonho lindo, acalentado, carinhosamente, durante sete longos anos.

O caminho que trilhavam, enlevados por um Ideal muito alto e sedutor, o caminho que julgavam não ter fim, forças imprevistas transformaram em uma simples e curta viela.

Por isto, tiveram de voltar, esmagados por uma descomu-

nal decepção.

Voltar, para recomeçar. E que recomeçar, Santo Deus!

Recomeçar sobre os destroços do que lhes foi o único anseio e o motivo de uma linda parte de sua vida!

Mas, como não tentar recomeçar? A dureza da vida não permite paradas. A luta econômica não dá tréguas a ninguém.

E, em torno de nós, indiferente aos arranhões que nos sangram a alma, a vida continua.

Alguns deles, segundo acabam de contar-me, já andam na peregrinação, à procura de emprego nos escritórios.

A vida manda. É preciso obedecer.

E nós, que já vimos tanta luta malograda, sentimos lágrimas no coração, pensando no profundo sofrimento que a derrocada de um santo e puro Ideal, fatalmente, fez surgir, na estrada em começo deste grupo de professores.

Que culpa expirarão eles, para serem, assim, tão duramente tratados pela vida?

Nada daquele sublime programa de educar, conduzir, de dar forma e beleza aos mundos plásticos dos pequeninos!...

A escola, o ambiente de amor construtivo, puro de ódio, de mal-querenças, de vinganças, o desejo de dar à Pátria uma contribuição maior, formando-lhe o alicerce, com a argamassa poderosa do abc, tudo isto foi um sonho lindo, simplesmente um sonho que uma realidade má destruiu.

Que triste despertar!

E a par dos choques e desajustes que a decepção arrasta; quantos destes moços e destas moças arrimo de mães viúvas, de pais pobres não contraíram dívidas, autorizados pela conquista do cargo que um concurso regular lhes possibilitou? Quantos, a esta hora, de volta de uma viagem inglória, não terão

o problema financeiro acrescido de maiores responsabilidades?

E que se dizer dos que, como se ouvissem a voz de um falso Messias, se desfizeram do que possuíram, para a pregação do feiticeiro evangelho do abc, em terras distantes? Que falem os que têm coração e sensibilidade, para comungar das dores alheias...

---

Nota: Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". **O Estado**, 13 de março de 1951.

Nossa literatura de ficção tem um conto, mimo de delicada sensibilidade, devido à pena de Coelho Neto, se não nos atraiçoa a memória.

É a história de uma criança pobre que, à hora do recreio, na escola, se punha a um canto, distante das outras crianças, para comer o lanche, que trazia numa latinha.

De vez em quando, a mãozinha trêmula penetrava na latinha e era, em seguida, levada à boca. Isto todos os dias.

O desfecho é que a professora descobriu estar a lata virgem de merenda.

O gosto da garota era mentiroso. Encobria uma das torturas da miséria. A menina tinha o pudor da pobreza e o seu amor-próprio de criança encastelava-a na sua desfortuna.

Defendia-se, assim, dos olhares e das frases de compaixão das colegas mais felizes, cujas merendas ela se impôs o dever de desconhecer.

Este o conto. A vida, na realidade é bem outra. Nesta "caminhada de curvas estreitas", não é possível aos míseros mortais que somos, fazer parar o estômago e estudar gestos com que nos iludamos e iludamos o próximo.

A prova provada está nos gestos de reação com que agiram muitos dos nossos pequeninos, nas escolas, quando lhes faltou

até a sopa.

Nos tempos que correm, todos compreendem que têm direito à vida. É a evolução. E a vida sem a mesa, farta ou minguada, é inconcebível. Se é verdade que "nem só de pão vive o homem", não é menos verdade que, sem o pão, o homem não vive.

A tristeza das mesas vazias intensifica-se e aprofunda-se em amargor, quando se trata de crianças.

Por isso, e porque representam o futuro, cuja responsabilidade, dentro das pátrias civilizadas, cabe ao presente, os pequeninos merecem, sempre, a atenção cuidadosa dos poderes públicos de visões largas.

Já não é concebível governar, divorciando-se dos problemas capazes de angustiar os governados. Sem uma sintonia perfeita entre os que dirigem e os que são dirigidos, manifestação de comunhão de sentir, não há governo.

E os gestos dos governantes que, descendo até o povo, procuram dar-lhe um pouco de bem-estar, inspiram confiança, geram simpatias e só engrandecem o PODER.

Daí, entre as múltiplas realizações com que Nereu Ramos engrandeceu S. C., enobrecendo seu GOVERNO (que se devia escrever, sempre, com maiúscula), encontrava-se a instituição da sopa escolar.

Os que, como nós, de perto, acompanharam o bem que ela fez, puderam aquilatar o desastre que a sua falta representou para a escola.

Com o estômago a contrair-se pela ausência de alimentos, é impossível prestar-se atenção às aulas, é impossível predispor-se o espírito, para o trabalho extraordinário do aprendizado; é impossível cooperar com o professor, cujo esforço se anula inteira e completamente.

Sob o império dominador da fome, a vontade infantil é destroçada, e a ESCOLA perde muito da sua razão de ser.

Pensando nós assim, não é de se estranhar que a nota oficial da Secretaria do IJES nos enchesse a alma de aleluias.

Que nos importa a inutilidade do vibrante apelo ao governo, feita pela pena admirável do Diretor de O Estado, ou a falta de ressonância da grita surda dos estômagos vazios dos escolares, ou a amargura respeitável dos pais sem vintém para o mais agradável dos deveres?

Que nos importa tudo isto, depois que temos a certeza de que, a partir de amanhã, o recreio nas escolas será, de verdade, recreio para toda a petizada, e de tranqüilidade para os professores que a tanta coisa triste assistiram?

Na estrada dos nossos pequeninos pobres, finalmente reaparecerá o sol. Sim, porque, de 15 de fevereiro a 31 de março, o sol sumiu. Foi uma noite enorme. Enorme e dolorosa. Uma noite de jejum intenso para os nossos pequeninos escolares, órfãos da felicidade do pão de cada dia.

Mas, tudo isto, amanhã, afirma Sua Ex<sup>ã</sup>, o Sr. Secretário da Educação, será passado. Graças a Deus!

E, na festa, que constituirá para os olhos e o estômago dos nossos pequeninos, a caneca fumegante e cheirosa do alimento gostoso, haverá implícito, uma bênção para o grande carinense que, entre nós, criou a SOPA ESCOLAR!

Sim, porque os gestos de bondade são os únicos que não se perdem, dentro da vida.

---

Nota: Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". O Estado, 19 de abril de 1951.

A educação do homem só é perfeita, quando os gestos de elegância que distanciam a criatura do bruto, e amordaçam a besta fera existente no EU de cada um, são conscientes e refletem, de fato, a beleza do mundo interior.

Neste caso, a palavra e o gesto irmanam-se, dentro da caminhada.

E cada homem é, então, um educador, a viver lições de sinceridade que se eternizarão, na admiração dos contemporâneos e no comportamento dos pósteros.

Por isto, os que fizeram da Escola o seu caminho e os que, por sua projeção social insensivelmente, influem, pelas palavras, na vida das coletividades, têm uma grande responsabilidade, no futuro universal.

Não exageramos. Se o coração, o civismo, o patriotismo, delimitam as pátrias geográficas, não há fronteiras, para impedir que os bons ou maus ideais, as boas ou más ações se multipliquem e disseminem, iluminando ou entenebrecendo caminhos, elevando as almas para as clareiras ensolaradas do Bem, ou despencando-as, com a precipitação das cousas tristes, no lodaçal asfíxiante, onde o Mal é senhor.

A Humanidade é um grande todo. E, por isto mesmo, sob o reflexo das modificações que atingem qualquer das suas partes.

Se o ponto centrípeto de todas as existências é a Perfeição, buscá-la é dever de cada um.

E será nesta busca, à proporção que nos despojarmos das qualidades negativas que nos cerceiam a alma, nas suas manifestações de beleza, que encontraremos a pureza harmoniosa da Paz.

Sem que a encontremos, dentro da nossa própria vida não a projetaremos, nunca, nas vidas alheias.

O caminho que nos conduzirá ao sentido elevado da existência, na realização da sua verdadeira finalidade, não pode ser o de atitudes postiças, o de bondade por convenção, o de justiça com dois pesos. Quando os homens enveredam por estas vielas, escusas e escuras, entrincheirados na dissimulação, observa-se o divórcio entre a ação e a palavra. Nestes comportamentos mascarados, com os quais, em vez de amarem, os homens procuram enganar-se, mutuamente, há o medo, que é manifestação palpável de inferioridade, negação do próprio valor pessoal.

Só temos os que não encontram, em si mesmos, forças, para, sem se preocupar com as pedras que valorizam as caminhadas, avançar e subir, em busca da sua própria realização, na certeza de que as vitórias são as que se conquistam e não as que se mendigam.

Os responsáveis pela beleza dinâmica das forças morais dos grupos, quaisquer que sejam — a família, a escola, a oficina, o quartel, o povo — desconhecem o medo, porque têm de ser, pela sua distinção, superiores, e corajosos da bravura da Justiça, corajosos da bravura da Verdade, para criarem o clima dulcíssimo e cheio da formosa espiritualidade de Paz e Harmonia.



Hão de se colocar tão altamente, que, corações fechados à onda lamacenta de ódio e vingança, a sua ação se projete, uniformemente sobre todos, vitalizando as consciências, pela confiança que inspirem.

Hão de ter sabedoria, para fugir de si mesmos, e subirem até a impessoalização. Hão de saber dissociar o indivíduo do educador, do chefe.

E isto, para serem justos, e isto, para poderem avançar, e construir, e relizar, demonstrando a capacidade de eternizar-se pela disseminação do Bem, com que darão esplendor à caminhada...

Fora disto, o que há é a escravidão do homem às paixões negativas; é a despersonalização do indivíduo; é a ação a desmentir as palavras, e estas, por um truque de mágica, a perderem a significação; é a descrença dos subordinados, como imperativo da sinuosidade de comportamento, com que se suicidam, moralmente, os que chefiaram.

Fora disto, nem em SC — a formosa terra dos casos raros — poderá viver-se em PAZ e HARMONIA.

---

Nota: Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". O Estado, 08 de abril de 1951.

Diz-nos um grande psicólogo que o homem só está apto para a grande ventura de viver, quando possui a mesma energia da Natureza, que dá a cada aurora a mesma riqueza de vitalidade e formosura, fazendo esquecer o entardecer da véspera.

É lindo este conceito.

Todo o labor de um dia vivido não abate o sol; o entardecer não lhe é sinal de agonia, porque na sua volta, há a mesma ânsia, o mesmo amor, o mesmo cuidado de ser bênção de luz de todas as caminhadas sem distinguir os que lhe agradecem os raios vivificadores e os que se escondem, sem coragem, para enfrentá-los.

Indiferente às nuvens, que, por serem, pela própria destinação, passageiras, mais lhe realçam o fulgor, ele cumpre, lealmente, um lindo destino, traçado pela excelsa democracia divina e dá aos homens uma esplêndida lição.

Na vida das democracias, de quando em vez, partidos e homens chegam ao entardecer.

Mas, se têm um destino de luz a cumprir, dentro da vida dos povos, fazem do surgir do amanhã, uma nova aurora, cheia de força e beleza, início de novas lutas e novas conquistas, para o bem comum.

O crepúsculo das legislaturas em 1950, a que o PSD as-

sistiu de luto, por ter tido sob a sua bandeira de homens bravos três míseros suicidas morais, fez o adversário acreditar numa verdadeira e fatal agonia.

Eufóricos, subiram ao Poder, que transformaram em verdugo. E a onda de vingança espraçou-se, dentro do Estado. Espelhando-se no exemplo que vinha de cima, chefes maltratam subordinados, para forçá-los aos pedidos de demissão.

E, neste ambiente de intranquilidade, gerado por uma política de ódio que o Poder se desrespeita, não respeitando os direitos dos cidadãos, chegamos às primeiras lutas num campo aberto: as eleições para a MESA da Assembléia.

O resultado deve ter sido um solavanco bastante forte, para acordar os sonhadores, mas não cremos, para arrebatá-los da sua maldade consciente.

Nós não agonizávamos, a realidade aí está.

Voltamos, com a consciência de quem não pode estacionar, porque tem um destino de luz a cumprir, na vida da nossa santa terra.

Os trabalhadores que hoje se reiniciam na Assembléia, com a instalação da segunda legislatura, encontram-nos, na oposição, mas numa oposição que será digna, porque cumprirá, com fidelidade, o papel fiscalizador, dentro das democracias.

O nosso programa de VIGILÂNCIA não descera à pequenez dos homens, mas se alteará ao engrandecimento do chão sagrado, que é o nosso; à defesa dos direitos que forem negados; à ressurreição dos princípios legais que se quiserem asfixiar.

E tudo faremos, pelo respeito que devemos a nós mesmos, dentro do clima elevado e respeitoso, em que se debatem os problemas do único e verdadeiro Senhor, dentro das democracias — O POVO.

Por amor do nosso grande povo e para a felicidade da terra bendita, que é a nossa, o partido, sempre, majoritário desfralda, na Assembléia, a bandeira da oposição, guarda e garantia seguras das aspirações populares, continuando, assim, a sua inalterável trajetória de luz.

---

Nota: Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". O Estado, 15 de abril de 1951.

Hã dias, conversando com amigos, afirmamos que a responsabilidade dos choques entre os indivíduos cabe à ausência de educação.

Todos nós sabemos que educação significa compostura, vontade disciplinada, para que se possa viver em sociedade, sem acotovelar, sem ferir, sem maltratar, num respeito integral ao limite dos seus próprios direitos que marcam, justamente, o início dos direitos alheios.

Mas a educação, que é compostura e disciplina psíquica, tem de se firmar no consciente do indivíduo, tem de ser força interior que se extravaze e concretize em ação e gostos elegantes cheios da beleza ímpar da aristocracia anímica.

Mas a educação, que é compostura e disciplina psíquica, dá a cada um de nós, o significado exato, estabelecendo as distâncias que separa o poder fazer do dever fazer.

Enquanto a criatura não consegue ver esta distância, enquanto se deixa levar pelo impulso do poder fazer, não é espiritualmente, adulto.

Falta-lhe o senso, para discernir, falta-lhe força, para sufocar os ímpetos da maldade que lhe entenebrece a alma, falta-lhe claridade interior, para ver os caminhos, os comportamentos do dever, por onde os homens se elevam e sobrepõem ao comum das criaturas; falta-lhe liberdade, para se sentir e pa-

ra agir, na verdade, como um indivíduo adulto.

Não importa que o tempo haja passado por essas criaturas, não importa que o físico acuse essa passagem. O espírito foi indiferente a ela. Não colheu ensinamentos no lar, na escola, e na vida vivida, que é a mais admirável das escolas.

**Eu posso fazer, eu devo fazer**, esta é a divisa que os norteia. E não respeitam o próximo, porque não se respeitam. E agem com a inconsciência e a irresponsabilidade que, nas crianças, indica trabalho a realizar e, nos adultos, esforço perdido, falência de educação.

**Eu posso fazer, logo devo fazer** — lógica, puramente infantil. Os que viveram e aprenderam, os que disciplinaram o espírito e deram à vontade, orientada superiormente, a força, para tornar a caminhada coisa apreciável, conhecem a imposição do dever nos atos de cada um. E esta é tanto mais sensível, quanto mais nos elevamos na sociedade de que fazemos parte.

Imaginemos não houvesse, para equilíbrio social domínio do **eu devo fazer** sobre o **eu posso fazer**. Assistiríamos espetáculos dolorosos da morte do direito pela violência da força. O mundo seria intolerável. Dentro da vida administrativa dos povos, os governos matariam à fome, os adversários, em que viam inimigos. E as demissões, suspensões, remoções, dispensas seriam incontáveis. Nas praças, uma derrubada de monumentos; nas repartições um despendurar de retratos. E cada vez que os fatos não correspondessem aos sonhos, carinhosamente alimentados, o assovio, a vaia, a assuada enlutariam os ambientes mais respeitáveis.

Até a Escola, teria a toldar-lhe o ambiente de calma sedutora, a solução de continuidade, no seu ritmo de ordem e trabalho, criado pelas administrações que se sucedessem.

E tudo quanto significasse ontem, por mais perfeito que fosse — desde o conselho do amigo até as associações escolares — tudo naufragaria, na destinação que a infantilidade anímica impusesse.

Seria a implantação do caos, seria o desassossego, seria a impossibilidade de se viver, num ambiente de compreensão e humanidade.

Por isto, nós, os civilizados, sentimos que a criatura só pode viver em sociedade, se, para isto for educada, isto é, com as inibições necessárias, para só fazer o que deve fazer.

Sem esta condição básica e indispensável, ela não é, no sentido anímico do termo, um HOMEM.

---

**Nota:** Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". O Estado, 22 de abril de 1951.

"A dignidade do magistério se elevará, quando a consciência social prestigiar o seu valor".

Ingenieros

Há um princípio de moral cristão que ordena: NÃO MATA-RÁS.

Passando pela vida, um infinito de criaturas caminha de mãos limpas do sangue do próximo. É o respeito ao preceito cristão, no sentido material. Todavia, nem só a matéria sucumbe. Nem só o corpo é susceptível de sofrer o ataque e morrer. Matam-se esperanças, matam-se sonhos, matam-se ideais. E, nem por não haver sangue, deixa de haver crime e crime inominável.

Os criminosos destes crimes que a sociedade não pune, são as criaturas, cuja secura de coração não lhes dá a felicidade de, sem cálculo, impulsivamente, estender as mãos aos que as solicitam, e cuja alma não se abre num sorriso de bênção que se concretiza numa palavra de gratidão e respeito, para os que trabalham, lutam e constroem.

É esta secura de coração que estrangula a beleza do Sonho, nas almas idealistas e faz que lágrimas de descrença esterelizem as caminhadas, marcando solução de continuidade, nos gestos de comportamento que o Bem e o Amor iluminam.

Focalizamos, aqui, há dias, um infinito de conceitos, lin dos, elevados e justos, que andam na boca de toda a gente —



alfabeta ou não — a respeito da Escola e do Professor, o que significa dizer do Magistério.

Aqueles conceitos, sem favor, podemos dizer em falsa modestia, o Magistério barriga verde os merece.

Para que não os merecesse, não poderíamos crer na S. C. de hoje, nem confiar na S. C. de amanhã.

Se o Magistério Catarinense não fosse um Magistério de escola, rivalizando-se com os melhores do país, tudo seria des-  
troço entre nós. Os povos só se engrandecem, quando têm Mes-  
tres capazes.

Qualquer dos mestres deste rincão querido, se lançar os olhos, para o caminho andado, não dirá como o poeta que "é um cemitério a estrada a custo percorrida."

E não falará como o poeta porque nela não verá cadáveres de Ideal, mas flores e frutos que a embelezam e a enriquecem, como uma doce compensação ao seu trabalho de Amor, por um Brasil melhor.

Falamos conscienciosamente, e podemos fazê-lo, pela autoridade que nos vem de mais de trinta anos de convivência observadora com esses despretensiosos obreiros da grande Pá-  
tria, no pedaço de chão que Deus quis fosse o nosso.

Por isso, sofremos a grande decepção, ao ler a fala do Governo, ao Poder Legislativo, no capítulo referente ao Ensino. Lá está escrito textualmente: "a situação do ensino público é desoladora".

Tão grande nos foi o desencanto, que pensamos houvesse, na expressão julgadora, as artimanhas de um infeliz, mas misericordioso pastel.

É que não queríamos crer na afirmativa, cuja rudeza teria força para matar todo o desejo de luta e trabalho, pela

felicidade da Pátria e da Humanidade, se não se colocasse o Brasil acima dos homens.

Todavia, a ofensa ali está, viva e contundente.

Ao Magistério Catarinense, naquela frase, nega o governo, a dignidade, a honra ao sacerdócio, o Amor à causa santa do Brasil, na educação da sua gente.

Sim, porque a desolação no ensino só pode ser fruto da inépcia, da ignorância, do desamor pela causa, no achincalhe ao título máximo a que pode aspirar a criatura, como enobrecer o honroso.

E ao povo de nossa terra e ao país inteiro, — porque a Mensagem, a esta hora, já deve estar, oficialmente, correndo, — os professores catarinenses são apontados como relapsos, irresponsáveis, parasitas do Tesouro, que não cumprem os seus deveres, uma vez que o ensino público está em situação desoladora.

Como eu desejava, que houvesse um pastel nesta expressão!

O pastel seria uma redenção maravilhosa, porque os julgamentos serenos e justos impõem, sempre, respeito e despertam simpatias.

Mas o pastel não existe. E a palavra do Chefe do Estado, ali, está jogando a fama da incompetência e da negligência a todo professorado barriga verde.

É a palavra do Chefe do Estado, seca e metálica, que vibra no ar, e lhes atinge a face, castigando-lhes a alma, entenebrecendo-lhes o espírito, pela injustiça do conceito.

Por que não dizer os fatos à luz das estatísticas?

Por que matar o Sonho ou tentar ofuscar o Ideal dos que

se dedicaram a trabalhar o delicado material, que é a alma humana? Por quê? Não se esperava o óbulo duma palavra de estímulo. Não é caridade o que reclamamos, mas, tão somente e precisamente, JUSTIÇA.

A vida não pára. A luta por um mundo melhor, através de um homem melhor, não pode sofrer solução de continuidade.

E, enquanto, assim, se maltrata a Legião dos Obreiros do Estado, a educação continua a ser semeada, com fartura, em todos os recantos catarinenses.

E, no conforto das salas de aulas dos nossos Grupos Escolares, ou na modéstia acariciante das Escolas Isoladas, dentro da poesia das nossas zonas rurais, os professores que têm a responsabilidade da S.C. de amanhã, estóicos, com serenidade e constância apostolares, ensinam aos pequeninos e aos jovens, cimentando o trabalho do abc, que a Justiça deve eliminar todos os gestos e palavras do homem; que devemos ser educados de coração; que, nos caminhos alheios, só nos cabe o direito de colocar tudo quanto for capaz de embelezá-los; que a vertigem das alturas e do poder não devem ofuscar os julgamentos; que só o Bem e o Amor constroem; que a reputação e a dignidade alheias, nós a devemos zelar, respeitando-as; que a palavra, também, fere, maltrata e machuca, e, se não mata, deixa n'alma cicatrizes tremendas, perdurando por toda uma existência; e, que, por princípio, e por cautela, não se deve cuspir para o alto...

---

Nota: Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". O Estado, 29 de abril de 1951.

"Intriga barata de senzala"  
(palavras do Deputado Oswaldo R. Cabral, ao comentar o nosso editorial de domingo passado, na Assembléia Legislativa)

Tencionávamos, hoje, continuar as nossas considerações despretensiosas, à cerca da fala governamental ao Legislativo, no Capítulo referente à Educação.

Todavia, porque o nobre Deputado nos apanhou as idéias esfarrapadas (segundo expressão sua) e as levou para a Assembléia, tivemos de alterar os nossos propósitos.

E, pelo respeito que nos merecem os leitores amigos, aqui estamos, repisando o mesmo terreno, para nos esclarecer a atitude, em face da afirmativa do Deputado.

Não conhecemos, na íntegra, o discurso com que o irritado e nobre deputado da posição nos castigou a incrível ousadia de achar injustos os conceitos com que o Governo aponta o Magistério ao Estado e ao país.

Da peça — monumental e admirável, por certo, como são todos os trabalhos do ilustrado tribuno e historiador — apenas nos contaram a frase final e conceitos depreciativos sobre os nossos pobres Farrapos.

A frase é a que epigrafa estas linhas.

Rimos. É tudo tão pueril, que achamos graça. E, pensamento distante, perguntamos aos amigos: Mas onde foi isto? Na

Alemanha de Hitler, ou nos Estados Unidos?

Discordar das nossas considerações é direito de toda a gente e, principalmente, dos que militam na situação, embora haja certos fatos, cuja cristalinidade e transparência impõem silêncio, para evitar que sejam mais focados.

Este é o caso da situação desoladora do ensino público, de que trata a Mensagem.

Por que desce o Deputado a apanhar as nossas idéias esfarrapadas? Qual foi o nosso crime? O de ter dito pela Imprensa o que se comenta à boca pequena? Fomos nós, por acaso, que criamos aquela afirmativa chocante de que a situação do ensino público é desoladora? Não.

Lá está ela na Mensagem Governamental, como um interessante louvor à respeitável classe do Magistério.

Se aquela frase não grita, implicitamente, à ineficiência do professorado barriga verde, não compreendemos mais nada. A quem se culparia, se fosse apontada como dolorosa a situação da nossa legislação? Aos legisladores, parece-nos. E não há como sair daí.

Onde a intriga? Não existiu. Não é do nosso feitio essa modalidade de comportamento. Somos leal. Leal e agradecida. Sempre fomos. E é um dos característicos dos negros.

Fizemos do Magistério o nosso caminho, e agimos, sempre, respeitando a professora que não morreu em nós, ainda, graças a Deus. Como, pois, descer à intriga?

Ademais, para que os professores conhecessem a extensão da injustiça com que lhes reconheciam os esforços, o sem-descanso, o desvelo pela educação pública, não havia necessidade das nossas pobres idéias esfarrapadas, no rodapé de O ESTADO. Havia necessidade de ler a Mensagem, que foi publicada, tam-

bém, pelos jornais. Os professores sabem ler. Ou o nobre deputado julga que não?

Compreendemos que a delicada sensibilidade do nobre deputado nada tenha sofrido, diante daquela frase. Sua Excelência, para a felicidade de todos quantos não são arianos — apesar de portador de um diploma de normalista, não milita no ensino público.

Dizemos felicidade, porque a Sua Excelência, falta uma das qualidades do professor: não distinguir raças, nem castas, nem classes.

Nós, porém, até 1950, que foi ontem, contribuimos com o nosso trabalho para o ensino público.

Temos, portanto, uma grande parcela de responsabilidade, na suposta situação desoladora do ensino, e, até nós, chegou, atingindo-nos, na dureza da expressão, o juízo do governo sobre o Magistério.

Daí a intensidade da nossa mágoa, que o nobre deputado não quis ou não pode compreender; daí a sinceridade dos nossos despreziosos conceitos, em que explanamos a injustiça de um julgamento.

Assim, não houve intriga, nem barata, nem cara. Foi mero engano de Sua Excelência. A nossa palavra não tem preço.

A **chave de ouro** com que fechou o seu monumental discurso, não nos ofendeu. A ofensa viria e nós a repeliríamos, se vislumbrássemos que quis chamar-nos de branca.

Na verdade, não há intriga, porque não houve, mas as considerações em torno da situação desoladora do ensino público, foram ditadas pelo coração de uma negra brasileira, que se orgulha de sê-lo, que nunca se pintou de outra cor, que nasceu trabalhou e vive nesta terra e que bendiz a Mãe, a santa Mãe,

também negra, que a educou, ensinando-a a ter liberdade interior, para compreender e lastimar a tortura dos pobres escravos que vivem acorrentados, no mundo infinitamente pequeno das cousas infinitamente pequeninas e insignificantes ...

(Não voltaremos ao assunto).

---

Nota: Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". O Estado, 06 de maio de 1951.

Sempre tivemos um sorriso de tristeza compassiva para os desmandos de educação dos adultos.

Tendo feito do Magistério o nosso caminho, por mercê de Deus, nele nos sentimos ajustada, e valentemente, no máximo de nossas possibilidades, demos à S.C., durante trinta e tantos anos, tudo quanto houve em nós de bom para a educação da nossa gente.

E porque queríamos acertar, caminhamos, observando sempre, para aprender sempre.

As nossas observações levaram-nos a distinguir os adultos, cujo comportamento revela educação, em teoricamente educados e conscientemente educados.

Aqueles decoraram, apressadamente, o manual de civilidade, a cujas regras procuram ajeitar os comportamentos, dentro da sociedade em que vivem: gestos, atitudes, palavras não têm estabilidade por falta de base.

Estes conhecem o lado negativo dos atos humanos, e, inteligentemente, substituíram-nos, de modo que pudessem integrar-se na sociedade, como elemento positivo.

Assim, os fatos mais desagradáveis, não permitem que os homens conscientemente educados deixem extravazar, pelo comportamento da linguagem ou por qualquer outro, a irritação que os domina. São senhores do seu mundo interior. A educação for-



taleceu-lhes a vontade e deu-lhes o poder da autocrítica.

O avesso encontra-se nos teoricamente educados: desmandam-se, gritam, gesticulam, tomam atitudes irritadas, pondo a nu, a fealdade dos mundos interiores, onde não chegaram a penetrar e afirmar-se as regras de civilidade.

O menor atrito os inflama. O menor aborrecimento fá-los explodir em ondas de ódio, de raiva, de zanga. Caem todas as atitudes postiças. E vem, então, a frase infantil ou deseducada, a atitude pueril ou deselegante que fotografam a criatura, funcionando como um raio X anímico.

Falta-lhes a constância e elegância de atitudes, de palavras e de conceitos que constituem o ponto alto dos conscientemente educados, porque não guardaram no coração os princípios de civilidade, que a memória reteve.

Nesta nossa jornada de educadora encontramos adultos — moços e velhos — teoricamente educados.

Aos moços, conseguimos, bastas vezes, mostrar-lhes o errado do comportamento, a necessidade de cada um não se deixar escravizar pelos sentimentos inferiores, e, acordando-os, conduzimo-los para o lado do caminho, onde todos seguem, sem acotovelamento, com respeito mútuo.

Aos velhos... a plasticidade é difícil, quando não impossível... eles representam, no presente, um deplorável déficit educacional, que jamais se cobrirá.

É então que sorrimos com tristeza compassiva e deixamos que passem...

Afinal, eles, também, são preciosos para as observações dos estudiosos. Se a diversidade de aptidões incrementa o

progresso, a de educação nos rouba, sempre, a monotonia, dentro da vida, e ensina tanta coisa...

---

Nota: Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". O Estado, 9 de maio de 1951.

Nas lutas que sacodem os homens, dentro da vertigem, com que se vive o presente, o dia de hoje, por convenção, abre-se uma clareira de luz, exigindo um sorriso ou uma lágrima, envolvidos um e outra, num pensamento de Amor, de Gratidão ou de Saudade, para a Mulher, que aparece em todas as vidas, com a mais sublime das destinações — a Mulher Mãe.

E, quando uma voz amiga nos lembrou a instituição do Dia, e mais ainda, as rosas branca e vermelha, como distintivo dos pobres e da pobreza sem remédio e dos ricos da felicidade infinita, o nosso coração, cheio de saudade indagava: por que rosa branca, se a saudade eterniza? Por que rosa vermelha, para intensificar a alvura significativa da rosa branca?

E, então, o desencanto gerado pela impossibilidade de afastar o que nos magoa, foi dominando o nosso mundo interior? (sic)

E, na ânsia de nos refugiar nas "alamedas" que um coração carinhoso delineou e tratou, ficamos a pensar na desnecessidade da instituição deste Dia.

O culto às Mães não se pode nem se deve fazê-lo, pela convenção de um Dia. Nem se pode fazer que neste Dia, a nossa Gratidão seja maior, o nosso Amor mais sublimado ou a nossa Saudade mais intensa.

Os que as cultuam, vivem esse culto. É uma imposição do coração, que se manifesta, insensivelmente, todos os dias, a

toda hora, a todo instante, porque, na formação psíquica de cada um delas, as Mães, continuam a viver.

Vivas ou mortas, elas se desdobram nos filhos que amam ou amaram, muito, porque muito amam ou amaram, procuram engalanar-lhes o espírito, preparando-lhes um amanhã, onde as rosas, pela grandeza do seu sonho, devem exceder, de muito, aos espinhos.

E, no gesto suave do que junta as mãos para a prece; e, na delicadeza do que abençoa o filho; do que dá a esmola ao mendigo; e no sentimento de fraternidade que nos leva a abrir o coração, comugando da dor ou da alegria do próximo, estamos revivendo a educação, a doçura, os cuidados da que nos guiou os primeiros passos e, na carícia embaladora da sua voz, nos pôs, pela primeira vez, a alma em contato com Deus, ensinando-nos o Padre nosso, que estais no céu...

Para os que assim entendem, não há Dia especial para o culto às Mães, porque ele se processa todos os momentos.

Basta, tão somente, que, se tenha as janelas da alma abertas para o sol vivificador do amor materno.

Viva em nossa saudade, ou fisicamente, as Mães não desaparecem do caminho que traçaram na alma dos filhos, nem mesmo dos que as negam e renegam, porque, indelévels, encontram-se em nossa alma, galvanizados pela força poderosa do Amor sublimado, os sinais da obra do seu coração.

E, pensando, assim, se sentimos que todas elas, as que se foram para as regiões azuis da pureza sem mácula e as que ainda lutam entre nós, continuam a ver-se no caminho que caminhamos, por que a rosa branca?

Que cada criatura faça da sua estrada um extenso roseiral, cujas flores vermelhas indiquem a onipresença daquela

que, mesmo se tornando invisível à nossa sensibilidade física, pela fatalidade da morte, nos continua a ser, por um desses impenetráveis milagres do coração, Luz e Bênção na grande jornada da vida! ...

---

Nota: Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". O Estado, 13 de maio de 1951.

O momento que passa, é de aprendizado e aprendizado intenso, para todos quantos entendem a vida, como uma finalidade útil que foge a um simples passar.

Na verdade, todo aquele que se der ao trabalho de avançar, observando, olhando e procurando ver a paisagem psicológica que dá colorido à vida, sentirá, como nós, a riqueza de ensinamentos com que nos presenteia o momento que vivemos.

Não somos dos que descrêem do Bem, só porque, momentaneamente, o Mal o ofuscou, nem afirmaremos a inexistência do sol, se uma nuvem o escondeu.

Ao contrário. Não poucas vezes, nosso coração tem batido fartas palmas, em face destes fenômenos. É que os quadros luminosos têm, num fundo escuro, fator decisivo, para realçá-los o brilho e a beleza.

A nossa profissão fez-nos idealista. Assim, lutamos e esperamos. Não consentimos cheguem até nós, os gritos e os gestos dos que nos querem desviar da rota que nós traçamos, dos que trocam a luta construtiva, ao sol, onde há manifestação de esforço, no desejo de algo melhor e mais elevado, pela calma sem expressão das sombras, que os anonimiza, dentro da vida, como inúteis.

Já caminhamos bastante, para compreender que precisamos de uma larga sementeira de sonhos bons, para uma colheita regular de concretizações.

O caminho dos idealistas não é dos mais pródigos, mas nunca é estéril, se o Ideal é positivo.

Todavia, se não houvesse os incontentáveis que lutam, confiando num amanhã melhor, mais digno, mais luminoso, o mundo seria um caos.

Pelo caos de amanhã serão responsabilizados os educadores de hoje. Mas o educador não é somente o Mestre, dentro da Escola. Assim, todo aquele que, entre os pequeninos e os jovens, semear descrença; que tiver avareza de uma palavra de estímulo; que retiver os gestos de bondade; que criticar, sem razão; que se fizer cego voluntário, diante da Verdade, da Justiça e do Direito, será responsável pelo o que de negativo surgir na vida de amanhã.

E esta responsabilidade mais cresce e avulta-se, se forem conscientes esses comportamentos de falta de colaboração com o trabalho construtivo da Família e da Escola.

Toda gente sabe que o presente é a oficina do futuro e que, nos homens de amanhã, viscejam, em flores e frutos, as sementes, lançadas hoje, no seu espírito em formação.

Só os mágicos semeiam e já colhem, para divertimento das platéias.

O trabalho real segue o ritmo regular da vida, concretizando a verdade de que "a Natureza não dá saltos".

Se o Destino, o nosso feliz Destino, não nos tivesse dado a Escola, para realizá-lo, a esta altura, estaríamos, com certeza, profundamente, tristes.

E essa tristeza, natural e explicável, pelo amor que temos ao nosso chão, teria fundamento na perspectiva do futuro negativo que a Mensagem Governamental traça para S.C., quando deixa a entender que o ensino estadual não é, na realidade, um

veículo de educação e instrumento da juventude, uma vez que lá encontramos ser "pensamento do Governo fazer com que o ensino estadual seja, na realidade, um veículo de educação e instrução da juventude".

Neste ponto, o presente responde pelo futuro.

Se, desgraçadamente, um povo tem a sua juventude, na realidade, **deseducada** e (na educação subentende-se a instrução) a ela se reserva o mais triste dos destinos.

No entanto, todos nós que acompanhamos a educação em S.C., sabemos que não é assim, como também sabemos que não estamos fazendo **intriça**.

O nosso Magistério e os **técnicos**, ultimamente, todos nós, todos da terra, todos da casa, sem estardalhaço, mas conscientemente, carinhosamente e inteligentemente, deram à S.C., lugar de relevo invejável, dentro do Brasil, no campo educacional.

Podemos ficar tranqüilos. S.C. de amanhã revelará o trabalho fecundo dos educadores de hoje, respondendo, assim, na **realidade**, aos que nos negam.

Quando conseguiremos ver com a razão, o que por uma cegueira afetiva, o coração não quer ver?

Quando aprenderemos a não negar e não desprestigiar o que nos pode servir de legítimo orgulho, diante dos irmãos brasileiros?

---

**Nota:** Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". O Estado, 20 de maio de 1951.



A voz harmoniosa e educada do locutor de uma das Rádios do Rio, colocando-nos o mundo, dentro de casa, como dizem os anúncios de receptores, contava-nos, há dias, que um dos nossos governadores, corrigindo o ato seu que julgara ilegal, havia determinado a readmissão de funcionários que dispensara ou exonerara.

Foi a nota final que nos despertou a atenção.

Por isto mesmo, não pegamos o nome do Estado feliz que tem à sua frente esse Homem excepcional. E quanto lastimamos não ter prestado atenção a todo o noticiário...

Sim, porque merece registro o nome de quem assim age, nestes tempos em que os atos de Justiça andam em situação dolorosa.

Todavia, embora desconhecendo o nome do autor, a grandeza do gesto que dignifica a criatura humana, aí está impondo-se à meditação dos que buscam, no comportamento humano, um pouco mais do que um simples comportamento...

O erro é próprio do homem. Ele aparece em toda a história humana, como frisante característico da nossa condição.

A infalibilidade é dom divino.

Assim, o erro não pode constituir, dentro da vida do homem, falha máxima, capaz de lhe fechar o caminho para as conquistas enobrecedoras da moral individual.

Mesmo os que pensam, e, caminhando e agindo com cuidado, querem acertar, mesmo estes desacertam, muitas e muitas vezes.

Mas o erro não é pecado sem perdão só até que o reconhecamos, até que no-lo mostrem, até que no-lo indiquem e dele nos dêem provas provadas.

Aí fica o limite da nossa inculpabilidade.

Dáí em diante, depois disso, seremos culpados, porque erraremos conscientemente, porque teimamos em não querer fazer da caminhada, uma sementeira de Luz onde o Bem floresça, e nos eternize os princípios de Justiça, que devíamos concretizar.

Se bem que o erro seja uma condição da nossa fraqueza e cegueira humanas, ele se avulta e toma proporções formidáveis, quando quem o pratica é responsável pela felicidade de um grupo.

O erro dos pais, dos educadores, dos chefes é, sempre, um grande erro, pelo reflexo que pode ter na diretriz das vidas dos filhos, dos educandos, dos subordinados.

No entanto, atitudes há capazes de redimir e purificar as criaturas, mesmo aquelas, cujo comportamento é lição para os grupos e coletividades.

Estas atitudes são as que ajustam as criaturas a sua condição de humanos, levando-as, dentro do grupo e da coletividade que supervisionam, a reconhecer que erraram.

A confissão de erro é manifestação de liberdade, de superioridade, e de alta compreensão do sentido da vida, uma escalada em busca de um pouco melhor e mais perfeito...

Quando o homem declara que está errado e procura outros rumos, já alcançou aquele alto grau de perfeição espiritual de que nos vem a coragem da Verdade e o pudor da injustiça,

e graças a qual vemos a retilineidade dos caminhos e compreendemos a tristeza e o crime dos direitos espezinhados e feridos...

E o nosso pensamento voltou ao Estado feliz e ao homem excepcional, cujos nomes fugiram, na rapidez vertiginosa do som.

E batemos palmas ao admirável homem público brasileiro, por não se correr de apontar e corrigir erros que praticou, levado pelo zelo excessivo, ou por informações apaixonadas ou por cegueira momentânea do partidarismo faccioso.

Mas... aonde nos leva o hábito de meditar?

Como é dolorosa, às vezes, a lei dos contrastes!...

---

**Nota:** Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". O Estado, 27 de maio de 1951.

A vida, dentro das Democracias que o sejam em toda a plenitude, deve ser uma doce maravilha.

O direito de opinar, de votar, de ter o seu credo político e religioso, o direito de se sentir indivíduo e de não ser uma coisa no seio da coletividade, dá à criatura, com o senso da responsabilidade, um justificável prazer de viver.

Sim, porque ela compreende que as leis e os homens que respeitam essas leis e as vivificam, cumprindo-as, têm o equilíbrio perfeito da Liberdade, base indispensável para todas as conquistas estáveis.

Sem Liberdade, as criaturas conscientes do seu valor, como parte integrante da sociedade em que vivem, perdem as qualidades que as distingue das coisas mortas.

A escravização mata por asfixia moral.

Por isto mesmo, os espíritos libertos malsinam os totalitarismos e tudo quanto possa arranhar, de leve, a liberdade do indivíduo.

Viver sob o céu que a todos resguarda, sob os raios de um sol que a todos ilumina e aquece, sem acotovelar, mas, também, sem ser acotovelado : respeitando o próximo, que o respeita; e agindo, como um indivíduo, cujos direitos são reconhecidos e cujos próprios deveres ele não os desconhece...

Sem reconhecer no Poder a divindade, compreendem todos — Governo e governados — a possibilidade do erro.

Se aquele o pratica, estes o criticam, sem outra finalidade que não seja a de cooperação; se o erro é destes, aquele os corrige.

É o sentido exato e perfeito da vida, dentro das Democracias, em que todos se ajudam e todos se dão as mãos para o bem comum.

Viver assim, num regime assim, com uma alta compreensão assim, seria agradável, porque haveria Paz, porque todos encontraríamos Justiça, e, como consequência natural, todos se veriam embalados por uma sedutora Harmonia.

Mas há DEMOCRACIA e Democracia.

E, sempre, cada vez mais, ficamos no princípio de que as palavras, muitas vezes, têm um falso significado. E, quando os homens esquecem o verdadeiro, a vida é uma Babel.

A nossa democracia, é menina ainda, de quando em vez, tropeça, muitas vezes cai e bastas outras anda de gatinhas.

O mal não é do regime. O mal não é das leis.

O mal é dos homens que praticam o regime e vivem as leis.

Falta-lhes liberdade interior, para não negar ao próximo o que exigem para si.

Presos pelo egoísmo que os apequena, e amesquinha eles, indiferentes, vão pisando, ferindo, maltratando, no próximo, o direito sagrado da Liberdade.

Muitas vezes, levados pela fúria vertiginosa com que se despencam — porque todos os comportamentos negativos são força que impelem o homem a descidas — vão além mesmo dos limites com que se valem das leis, para acobertar-lhes as ações.

Isto pensávamos nós, quando nos contaram que, ao lado do Diário das dispensas, das exonerações, das remoções, vamos ter

o Diário das permutas.

Até aí, nada demais. Exonerar, Dispensar, Remover é um direito do Governo.

Mas as permutas, diz a lei, só se farão mediante pedido escrito das partes interessadas.

Se as partes ignoram o lindo presente com que lhes premeia o Governo, a ingenuidade de crer na Democracia, na inviolabilidade das leis e no fascínio da Liberdade, **Permuta** será **permuta** ou remoção?

E remoção, assim, dará direito à ajuda de custo?

Como é difícil a caminhada, sentindo-se a onda que obriga o refluxo do Bem, do Direito e da Justiça!

---

Nota: Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". O Estado, 03 de junho de 1951.

Os movimentos que agitam e dão colorido à vida das coletividades, põem, em evidência, quase sempre, certas palavras, cujo significado se esbate e desaparece, diante da realidade dos fatos.

Na última campanha política, muito se usou e abusou da palavra Democracia.

Pela amplitude de Liberdade e pela igualdade de Direito, em face da inteligência e da aptidão, a Democracia oferece aos espíritos libertos um clima de vida, profundamente, sedutor.

As sombras não são privilégio de ninguém e o sol é direito de todos. Os degraus que levam aos cumes mais elevados não se fecham aos que, podendo, querem galgá-los. Uma integral igualdade de direitos, sem diversidade de deveres.

Repousando no respeito devido às maiorias e não na tirania que estas possam exercer, a Democracia não agasalha escravos, mas homens.

Os democratas compreendem o poder vital dos ambientes purificados pela Liberdade, são homens com a consciência do direito de agir e optar e reconhecem, como primeiro e sagrado dever do vencedor, o respeito à individualidade do vencido.

A diversidade de opiniões no ambiente elevado das competições políticas, dentro das Democracias, é necessária como força vitalizante e revigoradora do próprio regime.

Só os regimes totalitários, pelo poder da força e asfixia da Liberdade, têm a unidade nacional em torno de um partido.

Daí, nas Democracias, não se justificarem máscaras, nem atitudes postiças, na vida partidária das coletividades.

Cada um é o que é, pelo direito de sê-lo.

É a liberdade que só encontra fronteira no limite da individualidade do próprio homem.

Assim, entendemos nós a Democracia. Assim a entendiam, ontem, os homens, hoje, da situação.

"O Governo do Povo, governo com Povo, governar acima de Partidos, Homens para os cargos, a liberdade de ser ou não ser, ensinar à margem de informações político-partidários, e ambiente de Paz e Harmonia", tudo isto se dizia, implícita ou explicitamente, como definição da Democracia que o partido, hoje Governo, implantaria no Estado para Felicidade do Povo Barri-ga Verde.

E era bonito de se ouvir. E, se não fosse tão longo o nosso trato com as criaturas, faria bem até a alma da gente, pela elevada educação política que se revelava, e porque iniciaria o grande proveito de vinte anos de aprendizado, à margem do Poder...

Mas como foi desvirtuada a significação de DEMOCRACIA!

Onde o respeito à individualidade dos vencidos? Onde o respeito ao direito de ter um credo político diverso do vitorioso? Onde a prática de Justiça administrativa de Homens para os cargos? Onde o Governo acima dos Partidos? Onde o ensino à margem das informações político-partidárias? Onde a Paz e Harmonia? Onde?

Tudo desapareceu ou foi esquecido.



Os funcionários, que por se julgarem indivíduos e não cousas, usaram do direito que a Lei lhes concede, e votaram no Majoritário, expiam este crime inominável, marchando para pontos afastados, tangidos pelo vendaval das remoções que sacode o Estado.

As dispensas, as exonerações e singulares permutas completam a magistral maneira de fazer viver, pelo avesso, a beleza de uma pregação cívica.

O ensino, hoje, em situação desoladora, pelo crime do afastamento, em pleno período letivo e sem motivo justificado de professores até com mais de um decênio de trabalho, numa mesma escola.

Assim, a Democracia, a magistral Democracia que vivemos.

Como fica distante e é diferente da que nos foi prometida!...

---

**Nota:** Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". O Estado, 17 de junho de 1951.

Há dias, focalizando a injustiça, a inominável injustiça com que o Executivo no seu cartão de apresentação que foi a Mensagem, tratou o Magistério, o ensino e tudo quanto se refere à educação em nossa terra, afirmamos que "os técnicos, ultimamente, todos nossos, todos da terra, todos de casa, sem estardalhaço, mas conscientemente, carinhosamente e inteligentemente, deram a S.C., um lugar invejável, dentro do Brasil, no campo educacional".

Negam isto os maus, os míopes voluntários, ou os que, arredados do nosso convívio, não vivendo a nossa vida, não acompanharam os agigantados passos que, nestes últimos quinze anos, marcaram a caminhada da Educação, no Estado.

Naquela nossa afirmação havia, implícita uma repulsa às desnecessárias providências que o Executivo, na Mensagem, dizia ter tomado junto das autoridades federais, com a requisição de um técnico capaz de realizar a tarefa de remodelação do nosso Magistério.

É lamentável que os nossos dirigentes, forrados pela maldade de desfazer, de destruir, de remover, dispensar, exonerar, numa acanhada demonstração democrática, os que não rezam pela sua cartinha política, não tenham tido, ainda, um raio de bondade e de serena Justiça a sublinhar de luz os seus atos.

Aos maus, menos prevenidos, os conceitos que emitimos, talvez, passassem, como defesa graciosa do Partido, que é o nosso, e que, por um largo período, teve a responsabilidade da vida administrativa do nosso Estado.

A outros, também, injustos, talvez, parecesse uma intriga.

Nós, no entanto, ficamos satisfeita conosco mesma, porque sabemos o terreno que pisamos, e porque, nestas crônicas, só se abrigarão a Verdade e a Justiça.

Eis que, no Diário Oficial do Estado, cuja leitura recomendamos a todos quantos queiram apreciar o baile dos funcionários pessedistas, ao compasso do mais inglório modo de governar, encontramos a comprovação oficial daquela nossa afirmativa.

Parece incrível, e até mesmo paradoxal que seja a palavra do Governo que nos dê alegria tamanha. Mas, lá está o ato do nosso Governo, do Executivo de S.C., pondo o Inspetor Balbino Martins à disposição do Estado de Alagoas como técnico, para remodelar o ensino daquele estado irmão.

Acontece que o pedido do Governo de Alagoas foi feito por indicação daquelas mesmas autoridades federais a quem prometiam recorrer, ou recorreram os nossos dirigentes.

E acontece mais ainda, que o Inspetor Balbino Martins é um dos técnicos da terra, nosso, de casa, de que falamos numa crônica passada.

Lendo o Diário Oficial, sorrimos com prazer, ao verificar que o Executivo, hoje contesta a palavra do Executivo, na Mensagem.

E o dilema aí está: ou desconheciam o nosso setor de Educação e tiveram o pudor de confessá-lo, ou o que é pior,

mil vezes pior, agiram, pelo prazer que têm os maus, de pisar e tentar negar a Verdade.

Aquele ato, na sua linguagem de rotina oficial, é para nós, na aleluia, um hino de vitória, porque registra o triunfo pelo império que as forças invencíveis do Bem e da Justiça, exercem sobre o Mal consciente.

E os parabéns que essa vitória impõe não são só endereçados ao nobre Inspetor Balbino Martins, mas a todo o Magistério e a todos quantos, como nós crêem nos frutos do trabalho, do esforço e da dedicação dos que, até ontem, dirigiram a educação na terra barriga verde.

---

**Nota:** Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". O Estado, 01 de julho de 1951.

As conquistas do homem, no correr dos séculos, têm sido assinaladas por uma ascensão que possibilita a largueza dos horizontes, e requinta as qualidades positivas próprias da espécie.

A isto, chamamos civilização.

Sem poder fugir ao princípio geral que impulsiona o mundo, a Mulher, também foi conquistando, pouco a pouco o seu lugar ao sol.

Deixou de ser escrava, para ser a companheira; deixou de ser "biscuit" de salão, para sentir e viver a beleza gloriosa da conquista do pão de cada dia; deixou de ser um coisa, para ser indivíduo.

Sempre combatemos o caminho errado das que, nesta batalha pela conquista do direito de ser indivíduo, se deixaram arrastar pelo lado negativo que caracteriza a moral de muitos homens.

A verdadeira vitória do direito feminino está em a Mulher subir conscientemente, embora nada a impeça de descer; em agir, fazendo o que deve, e não o que pode.

A grandeza de todas as conquistas que assinalam este século, como o da Mulher, não foram suficientes para matar aquelas qualidades distintivamente femininas.

Continua a Mulher a ser a responsável pela sorte do mundo, porque é ela quem educa e forma os cidadãos, como Mãe ou

como Mestra.

A mulher, "a mais sacrificada porção do gênero humano", no dizer da saudosa escritora patricia, está sempre pronta, para corrigir o mal, para amenizar o sofrimento alheio, para proteger, para semar o bem, para concretizar os princípios que singularizam a humanidade cristã.

Assim, se, no homem, é, profundamente admirável a sensibilidade delicada do que, nascido sob a proteção da sorte, compreende a tortura do miserável, do doente, do órfão, do desprotegido, na Mulher, estes quadros com que a desfortuna enriquece o cenário da vida, servem para requintar os gestos de bondade.

Foi a seriedade de um instante da vida nacional, quando os nossos pracinhas partiam em defesa da causa da Democracia, no Velho Mundo, que inspirou a uma MULHER, num extravasamento de bondade, a criação da Legião Brasileira de Assistência.

A finalidade desta instituição, na linda, então bandeira de Amor, agasalhar os entes queridos dos pracinhas que nos iam honrar o nome da Pátria, e garantir o direito de viver, como povo livre.

Os fundos para essa obra ciclópica são formados pela contribuição do povo que trabalha.

E a Legião foi a árvore dadivosa e rica, dentro do seu alto objetivo. Os fatos que sacudiram o país, em 45, imprimiram-lhe novas diretrizes e a Presidência das seções estaduais passaram das mãos das senhoras dos Interventores para mãos masculinas.

Aqui, em S.C., para a felicidade da nossa gente pobre, da gente que precisa, dos que não têm a bolsa farta, a Presidência coube a este moço de extraordinárias qualidades de carã-

ter, de coração e de inteligência que é ILMAR CORRÊA. E a rica sementeira de bem, que é o programa de Legião, não sofreu solução de continuidade. Impessoalizando-se, na direção daquele departamento de assistência social, Ilmar Corrêa, como a Sra. Beatriz P. Ramos, distribuiu o bem, e estancou lágrimas, sem olhar credos, sem ver partidos. E este mesmo critério foi adotado, na formação da equipe de funcionários precisos numa organização como aquela.

E não podia deixar de ser, assim, porque a Legião fica acima dos partidos. Não é um partido quem dá. A contribuição é dos que trabalham, dos válidos, para dentro do programa legiãoário, socorrer aos brasileiros a quem o destino negou a doçura de nascer e viver em meios de fartura, ou a graça da saúde.

A volta da Sra. Darci Vargas à Presidência da Comissão Central, determinou como imperativo estatutário, que as sras. dos governadores assumissem a Presidência das seções estaduais. E nós ficamos tranqüila, porque não acreditávamos que a interessante era de Paz, Harmonia e Justiça, que vem caracterizando, de um modo singular, negativamente singular, o governo de quem conquista o Poder, pela força do voto democrático, pudesse chegar até a Legião.

Nós acreditávamos que, por um gesto de coração feminino, não viesse a faltar pão a criancinhas, que o desassossego não entrasse em lares pobres, que moças, arrimo de mães viúvas, não pudessem chorar, pela incerteza do amanhã.

E acreditávamos, porque, sendo a Legião apolítica, os pessedistas daquela Instituição estavam resguardados do vendade dispensas que marca a era udenista na terra barriga verde.

Mas acreditávamos, principalmente, porque, sempre, tivemos fé no poder da bondade da Mulher.

E como, infelizmente, nos enganamos...

---

**Nota:** Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". O Estado, 08 de julho de 1951.



Acaba o Legislativo Federal de nos dar uma lei, em que se reconhece, oficialmente, o preconceito radical (sic) no país.

E, como um grito da alma brasileira — democrática, até mesmo, quando tínhamos a governar-nos cabeças coroadas — os legisladores apontam esse comportamento, como crime passível de pena.

Lendo a lei em foco, que nos vem chegando, quando, no cenário mundial, nós nos projetamos como uma potência, cuja capital deixou de ser para os nossos amigos europeus, Buenos Aires (tão mal nos conheciam!) sentimos que estamos a retroceder, educacionalmente.

Qualquer coisa de muito grave deve estar influenciando na nossa vida e roubando-nos a nós mesmos, para que os legisladores tenham tomado aquela medida.

O agasalho carinhoso que sempre demos a todos quantos, respeitando-nos as leis e a sensibilidade, quiseram partilhar de nossa vida, constitui a mais palpável manifestação do nosso alto índice de educação.

A nossa própria formação étnica indica pelo elevado índice de cruzamentos raciais, que não nos podemos dar ao **luxo** deplorável de preconceitos de raça.

Se os fatos que provocaram o grito da lei, são praticados por estrangeiros, tiremos do nosso ambiente, os que pro-

curam desfazer um dos mais belos traços da nossa formação moral.

Mas, se, paradoxalmente, depois de termos dado, sem olhar cores ou raças, o sangue dos nossos pracinhas pela vitória da Liberdade da Democracia, descemos, neste Brasil do índio, do europeu e do negro, à estreiteza do preconceito, será uma lei que nos erguerá?

Não. Ninguém é bom ou mal, por um decreto. A beleza da alma não se consegue impor a ninguém.

A doçura de sentimentos que distanciam, mais e mais, a criatura dos brutos, não se alcança à força.

Lei alguma dilata e ilumina os horizontes do coração dando aos homens os gestos que os elevam, conscientemente.

E isto, porque a lei inibe, mas não educa.

E os comportamentos humanos, capazes de glorificar as criaturas, libertando-as do acanhamento e da estreiteza dos sentimentos pequeninos, com os preconceitos, são frutos de educação.

E as sanções? Poderão perguntar-nos.

Que representam elas para os maus conscientes, para aqueles cujo coração não se abre para as cousas belas e perfeitas da vida?

O mau não teme as sanções, porque lhe falta educação para respeitar no próximo, tudo quanto é fonte de respeito em si mesmo.

Se o medo às sanções pudesse reter os gestos que amesquinham os homens pela ausência de afetividade ou os animalizam, numa vertigem de sangue, as Penitenciárias deixariam de existir pela sua desnecessidade.

No entanto, elas aí estão, para a recuperação do homem a

quem faltou luz interior, para vencer-se, quando as circunstâncias o arrastavam no declive doloroso, em que o bruto foi mais forte.

E esta recuperação é obra da educação.

Daí entendemos a inocuidade da lei, que faz do preconceito um crime, se, paralela e intensivamente, lar e escola não trabalharem no sentido de reconduzir o Brasil ao nível educacional donde não se devera ter desviado.

O trabalho é, pois, de educação, porque, só por meio dela, gestos e atitudes esplendem, refletindo as belezas, cuidadosamente e conscientemente, cultivadas nos mundos anímicos.

Fora disto, a lei não terá o valor construtivo que o legislador lhe quis emprestar.

Os que se deixaram contagiar pela deseducação sentimental de outros povos, os que vieram viver conosco, não querendo ajustar-se a nossa civilização, encontrarão, sempre, meios de burlá-la, pelos subterfúgios que a maldade ensina e que corroem os alicerces mais sólidos.

Ao poder destruidor na solércia dos maus e da maneira de agir dos que vivem fechados no acanhamento do próprio EU, temos de opor a grandeza construtiva, uma educação que seja a nossa, para que não nos neguemos como povo superior.

Que cada lar e cada escola, numa ação conjunta, seja a rica sementeira da nossa civilização, onde os preconceitos raciais não encontram clima, porque só aceitamos a aristocracia do espírito!

Façamos do lar e da escola, núcleos, donde se projetarão, como o brilho de sóis, os sentimentos cristãos de um Brasil, bem e profundamente brasileiro, de um Brasil, onde se julgam e consideram as criaturas pela nobreza de caráter, pelo

esplendor das ações, pelo fulgor da inteligência, pelo amor ao trabalho, pela esteira de Bem que ilumina as caminhadas, sem se perder, nas tolas pequenices e insignificâncias de raça, cor, credo político e religioso!

E, reagindo assim, o céu não consentirá que sejamos vencidos.

---

**Nota:** Maria da Ilha. "Farrapos de idéias". O Estado, 22 de julho de 1951.

Nestes admiráveis tempos de Paz, Harmonia e Justiça, com que nos brinda o governo das remoções, exonerações, demissões e dispensas, merece registro especial, a valentia respeitável do Legislativo, sem a bancada da UDN, procurando resguardar a dignidade do Magistério, do pobre Magistério primário (porque o secundário já a Constituição resguardara) tão injustamente maltratado.

É que, tendo o Executivo enveredado pelo caminho estreito e tortuoso das perseguições políticas, o Legislativo, que nisto viu abuso do Poder, procurou entrincheirar, dentro da Lei, o direito de Liberdade, que se nega aos Mestres catarienses.

E, graças a esta alta compreensão democrática, surgiu a lei da inamovibilidade dos professores primários.

Tivesse o Executivo cumprido o programa de colocar a escola à margem da política, e tratasse esse tão alto quanto modesto servidor da coletividade, com a elegância que pela sua missão singular, dentro das pátrias, merece, e a maioria da nossa Assembléia não oporia à luz do Direito ao nem sempre respeitável poder da Força.

O Executivo erra, porém, não aceita correção. Pode, é verdade, tornar sem efeito as remoções e exonerações, para fugir ao Judiciário. Contudo, não sanciona leis que venham coibir-lhe o prazer de anuviar lares dos professores pessedis-

tas.

Por isto, dentro deste formoso prisma de ação, o nobre Governador udenista vetou a lei que, para Sua Excelência, representa algemas políticas.

As razões do veto apresentadas ao Projeto de Lei da inamovibilidade do professor primário mais nos certificaram da altura do conceito com que o atual governo catarinense olha o Magistério.

Não é o fato de o Executivo vetando projeto, querer ter à disposição da vingança dos chefes políticos, os indefesos professores primários.

Isto — nós já aprendemos — é uma das interessantes e mágicas concretizações, às avessas, da era prometida de **Paz, Harmonia e Justiça.**

O que nos leva a capacitar-nos aquele conceito são as expressões de que usa, quando se refere aos professores, e como não se opõe aos pedidos dos correlegionários, de visões estreitas.

Depois da Mensagem que tão **agradáveis conceitos** trouxe sobre um dos mais perfeitos setores da nossa vida, e que, por certo, **entusiasmou** todo o Magistério, nós vimos assistindo a esta incrível perseguição política que demonstra, de modo palpável, a inutilidade, para aperfeiçoamento espiritual, de vinte anos fora do poder.

Desde fevereiro, obedece-se a este princípio: se o professor é pessedista, não goza do direito de ser indivíduo.

Sim, porque, num regime democrático, a ele se nega o uso da mais democrática de suas armas — o voto.

Fora o professor considerado indivíduo, dessem-se ao professor aquelas prerrogativas que constituem os direitos dos

cidadãos, e não se escreveria, em S.C., esta negra página de remoção, para vingar a negativa de um voto.

O professor pelo seu trabalho e pela sua formação, não pode ser um autônomo, nem um domesticado, visto como tem de formar homens, isto é, seres que tenham personalidade, que não sejam acomodaticios, que não troquem o caráter por um pedaço de pão, e que não façam da flexibilidade da espinha dorsal, a chave que lhes trará os triunfos sem esplendor, marcados pela tristeza do servilismo.

Os que não lhe querem dar possibilidade de realizar, na plenitude, esta esplendorosa obra, não compreendem que é a nossa própria terra que pretendem diminuir e sufocar, sufocando a educação da nossa gente.

E não compreendem, tão somente, porque subestimam o valor do professor.

Não bastavam, porém, todos estes tristes fatos, e, nas razões do veto apresentados pelo nobre Governador, à lei em foco, diz Sua Excelência "Com os privilégios criados com o Projeto de Lei, ficaria no Estado, uma grande massa de funcionários inamovíveis a entravar a administração, o que não parece justo, nem democrático".

Pasmem todos os que conhecem a sublimidade da missão do professor! Os professores são **massa de funcionários** capazes de **entravar a administração!** Ex-tra-or-di-nário!...

É um Poder dos três sobre que repousa a nossa vida política, quem o afirma.

Onde já se considerou a educação como entrave à máquina administrativa? A inamovibilidade do funcionário significará por ventura, quietude, paralisia, mudez, inatividade?

Mas, para o nosso **pacífico, harmônico e justo** Governo,